



# Feira de Hannover

Guilherme Kolling, editor-chefe | de Hannover (Alemanha)

guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

## Brasil faz ofensiva para abrir mercado de biocombustíveis

Grandes indústrias apostam em sustentabilidade e na descarbonização



Biodiesel produzido no Brasil ganhou os holofotes nos primeiros dias da Feira de Hannover

A transformação da economia e uma produção industrial mais sustentável ganharam espaço na Feira de Hannover nos últimos anos. Hidrogênio verde e fabricação precisa e sob medida estiveram na agenda central do evento na primeira metade dessa década.

Em 2026, a questão ambiental continua em alta. E, no ano em que o Brasil é o país parceiro em Hannover, a sustentabilidade ganha destaque nas grandes indústrias brasileiras, que contam com espaço privilegiado no encontro deste ano na Alemanha.

É o que se viu nos dois primeiros dias de evento, segunda e terça-feira, com ampla movimentação nos estandes das multinacionais brasileiras, além da presença de chefes de governo de Brasil e Alemanha no primeiro dia do evento.

A mineradora Vale, por exemplo, em vez de mostrar tecnologias ou inovações, apostou em destacar a Amazônia, mostrando ações da empresa voltadas a áreas de preservação ambiental nessa região, onde opera há 40 anos.

A catarinense WEG, que tem motores elétricos como carro-chefe, apresenta um portfólio na Alemanha focado na transição energética, em que salienta a eficiência operacional, energias renováveis e mobilidade elétrica.

Mas em meio à crise energética europeia, iniciada pela guerra na Ucrânia e, depois intensificada com o conflito no Irã, os biocom-

bustíveis tiveram os holofotes nos primeiros dias de feira, inclusive com recorrentes citações pelo presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e também pelo chanceler alemão Friedrich Merz.

Do lado brasileiro, o discurso foi ainda reforçado no Encontro Econômico Brasil Alemanha (EEBA), em que o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Alban, ao defender maior intercâmbio comercial pós-acordo União Europeia-Mercosul, fez uma defesa dos biocombustíveis brasileiros, afirmando que há uma visão equivocada na Europa.

O presidente da CNI afirmou que não há problema ambiental ou necessidade de desmatamento para ampliar a produção, considerando as extensas áreas degradadas no Brasil, especialmente no Semiárido, que poderão dar lugar a novos plantios. O presidente Lula acrescentou que a fabricação também não afetará a capacidade do Brasil de produzir ou exportar grãos. “Até porque ninguém come biodiesel ou gasolina”, discursou o presidente, ressaltando que a segurança alimentar é o que um país tem de mais importante.

É crescente no Brasil a fabricação de etanol e biodiesel a partir de culturas como soja e milho. A União Europeia tem restrições à compra de biocombustíveis feitos com matérias-primas que podem servir à alimentação, entretanto regulatórios que podem piorar a

partir de 2030.

Do lado alemão, Merz elogiou reiteradas vezes a matriz energética renovável do Brasil, bem como a produção de biocombustíveis. Mas não sinalizou nem se comprometeu em comprar o produto brasileiro, embora tenha enaltecido publicamente a parceria da montadora alemã Mercedes-Benz, que testou o uso de biocombustível brasileiro em seu caminhão, iniciativa da empresa gaúcha Be8, que destaca a experiência em seu estande em Hannover.

O presidente da Be8, Erasmo Battistella, falou da relevância de estar na feira alemã neste ano em que o Brasil é o país parceiro. “É muito importante, principalmente pela visibilidade que tivemos na nossa estreia em Hannover, com a presença do governo brasileiro, além de termos o governo alemão acompanhando o nosso trabalho”, afirmou o executivo em entrevista ao Jornal do Comércio.

Outra empresa alemã que saiu em defesa dos biocombustíveis brasileiros é a Bayer. A subsidiária brasileira, que também tem estande próprio em Hannover, faz coro à tese de que não há um antagonismo entre produção de comida e de combustíveis. A multinacional da Alemanha, por exemplo, é produtora de sementes de milho, amplamente utilizado para a fabricação de etanol no Centro-Oeste do Brasil. Mas ressalta que o País chega a produzir três safras.

## WEG, Vale, Embraer e Be8 ganham destaque em Hannover

A promoção do Brasil como país com matriz energética renovável e com empresas capazes de prover soluções voltadas à descarbonização da economia marcou o início da Feira de Hannover em 2026.

O fato de ser o país parceiro deu palco ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que aproveitou o evento para defender a expansão do uso de biocombustíveis como uma das soluções para a transformação sustentável da economia, bem como para alternativas energéticas, tema em voga na Alemanha em um cenário de encarecimento dos preços da energia em virtude da guerra no Irã.

Desde a cerimônia de abertura, no domingo à noite, seguindo pela inauguração do pavilhão da feira que concentra empresas brasileiras, no Encontro Econômico Brasil Alemanha (EEBA) e na declaração conjunta com o chanceler Friedrich Merz após o encontro bilateral, o presidente Lula insistiu

na defesa do etanol e do biodiesel e nas soluções das indústrias brasileiras.

Neste contexto, no início da manhã de segunda-feira, 20 de abril, quando tradicionalmente os chefes de governo da Alemanha e do país homenageado percorrem os estandes, Lula visitou os espaços de grandes indústrias brasileiras, sendo recebido por CEOs e executivos que apresentaram tecnologias expostas na feira. WEG, Embraer, Vale e a gaúcha Be8 tiveram uma projeção especial com a passagem do presidente da República pelos seus estandes.

No caso da Be8, representada pelo presidente Erasmo Battistella em Hannover, o destaque foi para o caminhão da montadora alemã Mercedes-Benz usar biocombustível produzido pela empresa brasileira, reduzindo as emissões atmosféricas, fato destacado por Lula e Merz em mais de um discurso, por unir as indústrias alemãs e brasileira em uma nova tecnologia.

## Industriais de Brasil e Alemanha projetam dobrar comércio bilateral

Dobrar o volume do comércio exterior entre Brasil e Alemanha, de US\$ 20 bilhões para US\$ 40 bilhões em cinco anos. Essa foi a meta defendida por industriais brasileiros e alemães durante o 42º Encontro Econômico Brasil Alemanha (EEBA), reunião anual promovida pelas Confederações da Indústria brasileira (CNI) e alemã (BDI). O encontro acontece alternadamente nos dois países. Em 2027, será no Brasil, no Paraná. Neste ano, ocorreu no primeiro dia da Feira de Hannover, com a participação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do chanceler alemão Friedrich Merz.

O presidente da BDI, Peter Leibinger, ressaltou a importância do encontro em Hannover para reforçar a parceria entre os dois países, o que considera um ótimo exemplo de cooperação. O presidente da CNI, Ricardo Alban, discursou logo em seguida e disse que de tanto ouvir a palavra parceria nos últimos dias, defende um avanço para a cumplicidade no desenvolvimento das duas nações. “Vamos dobrar a corrente comercial em



Alban destacou que meta pode ser alcançada em cinco anos

cinco anos”, projetou, estimando um crescimento dos atuais US\$ 20 bilhões ao ano para US\$ 40 bilhões.

O chanceler alemão Friedrich Merz foi na mesma linha, ressaltando a importância do Brasil como parceiro comercial. O presidente Lula projeta que esse avanço acontecerá naturalmente. Destacou que mais de 1.200 empresas alemãs estão integradas ao ambiente nacional, e reforçou o papel dos alemães para a indústria e os trabalhadores.